

---

**JUDITH GROSSMANN**

Ana Carolina Nemetala Gomes, 36 anos, atriz  
Nascida em Brasília

Foram três anos intensos de amor e dor, como uma rima inicial em qualquer sentido do parto. Partir sempre esteve contido entre nossos reconhecimentos e apegos. O “parto” foi uma palavra em que me afeiçoei por admiração a Ela. Falar de Judith Grossmann não poderia se resumir a um simples “talk about Her” ou “speak to Her” como ela mesma fazia questão de pronunciar em seu britânico inglês. Pensar e falar Judith, hoje, significa intensamente vivenciá-la. Em cada palavra aqui escrita, haverá um traço dela, um sentimento e uma emoção. A quantidade de “memórias” se tornam enxurradas de sensações vivas que quem teve a oportunidade de conhecê-la poderá compreender a efervescência com que tento colocar esse amor em palavras. Assim como Ela me ensinou (e acredito que aos seus milhares de alunos) o amor por cada letra, palavra, frase, texto e por aí vai, até culminar em sua poesia. Espero aqui, não decepcioná-la (“risos”) e cabe lembrar, que todas as palavras descritas entre aspas seriam ditas por nossa “La Grossmann” assim carinhosamente tratada, e por si própria apelidada em seu momento de humor altivo.

No início, a negação. Dentre as dificuldades na comunicação e na locomoção, ter que encarar um mundo medíocre seria um plano inútil para uma escritora com aquela vivência. Seus ídolos intelectuais pareciam ter ficado no passado. Aceitar-me em sua vida então... Em nada a motivaria, seria um peso a mais diante de tanta dor física e psicológica. Está certo então, disse eu, ficarei aqui vendo a Senhora dormir e darei notícias à sua filha dizendo que a Senhora

descansou bem. E assim aconteceu o êxito da insistência, tínhamos o mesmo amor que nos uniria, sua filha Pamela Jean Croitorou. Esta por sua vez, uma filha incansável, divida entre oceanos, cheia de cuidados e ideias, uma delas era esta: fazer Judith Grossmann voltar a escrever! Pois sabia que esse seria o único elixir de cura. E mesmo com um oceano no meio, quando Pamela não pôde mais escrever suas poesias via telefonia, ela me incumbira desta função. “Pegue seu caderninho” e assim demos sequência à Poesia e à Vida.

No meio, o teste de paciência. No meu caderno de anotações, existiam todas as correções ortográficas a serem revisadas, datas a serem confirmadas, questões de ordem para se concluir um texto, e mais, as minhas dúvidas que ela nem imaginaria existir. Dependendo do dia, do humor e da dor, eu poderia perguntar, se fosse o dia errado, era um simples “bobinha” e a “question” ali mesmo dava-se por encerrada. “To Be or Not To Be” era nosso dia a dia, texto mais citado era esse. Sentir ou não sentir era um cotidiano, se eu sentisse que poderia brincar ou perguntar, eu o fazia, se não, me limitava à caneta e papel a reproduzir aquele vocabulário de mestra. Em dias de dores amenas, conseguíamos palavras e fortes gargalhadas. Em dias de fortes dores, nasciam poemas, lembranças, ou “apenas uma musiquinha, está difícil falar hoje. Conte-me de você.” Meu mundo novo foi apresentado a Ela, o smartphone teve seu papel crucial para que o tempo de pesquisa diminuísse entre as visitas. Vídeos e entrevistas poderiam ser vistos. Em casos de extrema necessidade ligue o “toy”, apelido do portal do futuro. E quando este “toy” apresentava seu momento de frenagem em seu processamento, era um insulto à falha humana e à sua tecnologia. Enfim, após um ano de convivência eu nascia, carinhosamente, sua “segunda escriba, última e primeira aluna”.

No fim, laços eternos. Acredito que todos que conviveram com a Escritora, a Amiga, a Mestra, a Mãe, teriam uma história e uma passagem de sua vida para narrar. Ter em mãos meus dois caderninhos de anotações e pesquisas me fazem pensar diariamente no mundo Judithiano que eu poderia criar, e quem sabe um dia dizer altivamente, como ela me ensaiava, “Eu cuidei de Judith Grossmann”. Todos os dias da minha vida existe um olhar, uma letra, vogal ou palavra que remetem a Ela. Quando a saudade aperta, Ela Vive! Conversamos, escrevo. Temos afinidades por “espectros”. Está em meu altar, como a Guru que eu tive em vida. Por causa dela me sinto “ecumênica” e sei que

por acreditarmos em todas as forças da natureza e em tudo o que ela movimenta, estamos unidas. Em dias de paz, brincávamos até de “psicografia”, “Você já pode escrever por mim” (“risos”). Enquanto nos despedíamos, Ela me coordenava nos afazeres e em incumbências, repetia “o tempo urge”. Dentre tantas edições a serem revisadas, homologadas e distribuídas, a missão de cuidar de sua filha era sempre o motivo maior para que tudo isso fizesse sentido. A biografia de Judith Grossmann é a mais rica experiência que pude ter. “Enquanto há sangue, há tinta”. Ela vive em mim. Mesmo com o mundo particular indecifrável que existe nela, mergulho em livros e referências para que o mistério minimamente se esclareça. Tudo é inacabável. Assim como partir vem do parto, “Fim é apenas a palavra Fim”.